



# VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

## PATRIARCADO: A MANUTENÇÃO DO CONSERVADORISMO

### *Eixo Temático E-10 Diálogos sobre a Violência contra a Mulher: Educação, Políticas Públicas, Proteção e Enfretamento*

Ronald Lopes<sup>1</sup>

Elaine da Conceição Alberto<sup>2</sup>

Jairo Carioca de Oliveira<sup>3</sup>

#### **RESUMO**

Este texto questiona o discurso normativo do patriarcado enquanto conduta psíquica hegemônica da sociedade. Os preceitos patriarcais usam a violência como forma de ocupar posição de supremacia em relação aos outros tipos de gêneros, destaque contra as mulheres. A insistência dessa violência ainda é o lugar privilegiado na constituição familiar, política e social. Sendo assim, realizamos breve discussão bibliográfica analisando as operações do patriarcalismo na lógica fálica para sustentar esse lugar de violência contra a mulher formando um sistema de dominação. Mobilizamos dados e alguns recursos do campo psicanalítico para decupar as dificuldades comportamentais encontradas na sociedade e demonstrar como a violência contra mulher opera nos registros do patriarcalismo.

**Palavras-chave:** Patriarcalismo. Psicanálise. Gênero

#### **Introdução**

O patriarcado é uma forma de organização social onde o homem possui supremacia em relação às mulheres. Com o apoio do capitalismo, a prática do patriarcalismo insere o homem nos lugares mais importantes da sociedade, por consequência, a mulher assume uma posição hierarquicamente inferior. De acordo com Silva (1987, p. 873) “antigamente, o termo patriarcado era usado com referência ao tipo de família onde o pai ou um herdeiro masculino de sua escolha exercia o domínio da família”.

Com o avanço e as complexificações do Capital, a figura do homem continuou sendo a base e o alicerce de um sistema que se afirmou enquanto símbolo fálico, isto é, a ideia de afirmação ser capaz de superar as adversidades da vida. O fortalecimento do “eu” foi condição primordial para que esse símbolo fálico se consolidasse e subordinasse outras

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em História PPGH/UERJ [ronald.lopes80@gmail.com](mailto:ronald.lopes80@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em políticas pública em direitos humanos PPDH/UFRJ [elaine.daconceicao@bol.com.br](mailto:elaine.daconceicao@bol.com.br).

<sup>3</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares PPGEDUC/UFRRJ. [jairocarioca@ufrj.br](mailto:jairocarioca@ufrj.br).

figuras não-fálicas. (FERRAZ, 2008). Ambos têm histórias diferentes, mas tecem relações desiguais nos últimos anos através da violência.

No 14º. Anuário Brasileiro de Segurança Pública do ano de 2020, mostrou que 30 mulheres sofreram agressão física por hora; uma mulher foi estuprada a cada 10 minutos; três mulheres foram assassinadas por dia, uma travesti ou mulher trans foi assassinada no Brasil a cada dois dias<sup>4</sup>. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2021), foram 60.460 estupros em 2020. Desses, 73,7% das vítimas eram vulneráveis, 60,6% tinham até 13 anos; 86,9% do sexo feminino; e, em 85,2% dos casos, o autor era conhecido da vítima<sup>5</sup>.

O Relatório Global da Organização Mundial de Saúde (OMS), com base em dados de 2000 a 2018, indicou que uma em cada três mulheres em todo o mundo sofre violência física ou sexual, principalmente pelas relações íntimas. Uma em cada quatro mulheres entre 15 a 24 anos já estiveram num relacionamento violento. (ONU Mulheres, 2020). As estatísticas sobre a violência contra mulher aumentam quando se trata de negras no Brasil. De acordo com o Atlas da Violência publicado em 2021, 66% delas eram negras, ou seja, a cada dez mulheres mortas, seis eram negras. (BERRO, GONÇALVES, NICODEMOS, 2022)

Se compararmos a taxa de assassinatos na intersecção de cor, isto é, comparando mulheres não-negras com mulheres negras a taxa sobe de 2,5 para 4,1. Isso quer dizer que o “risco relativo de uma mulher negra ser vítima de homicídio é 1,7 vezes maior do que o de uma mulher não negra, ou seja, para cada mulher não negra morta, morrem 1,7 mulheres negras”. (Atlas da Violência 2021, p. 38). Os dados apresentados pelo Atlas de 2021 revelam ainda maior desigualdade na intersecção entre raça e sexo na mortalidade feminina. Entre 2009 e 2019, o total de mulheres negras vítimas de homicídios apresentou aumento de 2%, enquanto, o número de mulheres não-negras assassinadas caiu 26,9% no mesmo período. (BERRO, GONÇALVES, NICODEMOS, 2022)

Quanto ao ambiente de trabalho, a Agência Patrícia Galvão divulgou uma pesquisa (2022) que revelou que 76% das mulheres já foram vítimas de violência, sendo que quatro em cada dez “foram alvos de xingamentos, insinuações sexuais ou receberam convites torpes dos colegas homens para sair”. Na mesma proporção as trabalhadoras tiveram seu trabalho “supervisionado excessivamente, depreciação das funções que exercem e/ou receberam um salário menor do que seus colegas homens com o mesmo cargo”. (BERRO, GONÇALVES, NICODEMOS, 2022)

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/> Acessado em: 10/07/2022

<sup>5</sup> Idem

Ao analisar o panorama das estatísticas descrito acima, imaginamos que os movimentos feministas na luta por conquistas de direitos, segurança e trabalho foi um fracasso, já que a violência contra a mulher ainda insiste nas suas vítimas na atualidade no Brasil. Porém, mobilizaremos alguns recursos psicanalíticos para ajustar a escala de análise desses números avassaladores.

## **ANÁLISE E COMENTÁRIO DOS DADOS**

A partir do século XIX, o sistema capitalista realizou profundas mudanças nas relações entre homens e mulheres no que concerne a forma de organização social. Reforçou a figura do homem e suas representações afirmando em seu “eu” para resolver os problemas sociais (LACAN, 1958/1998). Entretanto, a representação máxima desse “fálico” na figura do homem durante o século XX se confrontou com certas dimensões da sua vida que ele tinha horror, ou seja, com a dimensão não-fálica. Esse horror foi porque ele se deparou com as múltiplas maneiras de dizer “não” a opressão por ele promovida e que se impunha durante séculos na história. Essas maneiras foram os movimentos sociais surgidos na segunda metade do século em questão como, por exemplo, o feminismo. (ROUDINESCO, 1994)

É importante destacar que a figura da mulher não representa apenas seu gênero em si, mas uma constelação de gêneros de ordem psíquica. Entretanto, na Grécia clássica o não reconhecimento de pertencimento das mulheres, dos estrangeiros, dos deficientes no seio da pólis, nos remete como hoje a nossa cultura nega as mulheres. O patriarcalismo ainda insiste nessa negação. Ao negar essa camada da população através da violência, esse modo de habitar a cidade, vai se repetindo na história (COSSI, 2020). Então, esse modo de repetir apontou para o psiquismo humano, assimilando aquilo que é considerado normativamente bom e expulsando aquilo que é normativamente ruim. No caso, as mulheres são avassaladas por não se alinharem com essa normatividade vinda do patriarcalismo. Nas relações entre homens e mulheres, a desigualdade não é natural, mas é construída com frequência. (SAFFIOTI, 2004, p. 75).

O patriarcalismo é uma construção histórica que se autorreferencia e produz as estruturas que ordenam a sociedade como o mercado, o Estado e a família. Essas formas de organização primordial são capazes de gerar regras e valores numa dada sociedade. Homens são vistos, desde os primórdios, como detentores das funções de poder, o sujeito principal da sociedade, enquanto a mulher é considerada apenas para exercer a função de reproduzir.

A explicação tradicionalista concentra-se na capacidade reprodutiva feminina e vê a maternidade como a maior meta na vida das mulheres, definindo assim, como

desviantes mulheres que não se tornam mães. Considera-se a função materna uma necessidade da espécie, uma vez que as sociedades não teriam conseguido chegar à modernidade sem que a maioria das mulheres dedicasse quase toda a vida adulta a ter e criar filhos. Assim, se vê a divisão sexual do trabalho com base em diferenças biológicas como justa e funcional. (LERNER, 2019, p.49)

Mas a divisão sexual do trabalho durante os dois últimos séculos enfrentou deslocamentos. A Revolução Francesa e as Guerras Mundiais realojaram as mulheres no mercado de trabalho duplicando suas jornadas e aprofundando precárias condições. Para mudar esse panorama desfavorecido, novas organizações sociais avançaram através da luta dos movimentos feministas no campo político (ROUDINESCO, 1994). Esses movimentos questionaram as estruturas vigentes e trouxeram conquistas de direitos a populações femininas tomando novas formas e chegando até a atualidade.

As mulheres conquistaram seu espaço. As estatísticas apontam que há mais mulheres do que homens no Brasil. Mostram também que elas vêm conseguindo emprego com mais facilidades e que seus rendimentos crescem a um ritmo mais acelerado que os homens. (PROBST, 2007, p.1).

Entretanto, as relações patriarcais se acirraram ainda mais na medida em que as tomaram culturalmente e adequaram as mudanças na sua própria organização psíquica, ou seja, a figura do fálico ainda insiste no ordenamento social estruturante e, portanto, retornando ao patriarcado. Dito de outra forma, a repressão social tenta dizer como é uma mulher e ao mesmo tempo um “elemento psíquico” tenta (des)alinhar do lado da mulher um certo consentimento com esse discurso de poder sobre ela (COSSI, 2020). Há um imbricamento na constituição psíquica da mulher cujo patriarcado se (des)apropriou deste “elemento psíquico”.

Um dos modos de se resguardar contra a castração do ordenamento patriarcal é submeter-nos as suas normas, leis, regras que nos impedem de viver muitas coisas. Mas quando a mulher toma consciência das próprias pulsões e decide satisfazê-las, então, novos desafios e novos papéis surgem no bojo da cultura “pluralizando signos”. De acordo com Grant (2001, p.1) “a mudança ocorrida com a entrada da mulher no mundo profissional, [...] e a possibilidade de estabelecer novas parcerias amorosas pluralizaram os signos que permitem sua inscrição numa determinada rede social”. Mesmo com dificuldades no desvencilhamento do “elemento psíquico” que representaria o fálico do patriarcalismo, a mulher passou por mudanças no modo como é vista e fazendo-a assumir novos desafios.

Sobre este tema a psicanalista Juliet Mitchell (1979) diz que:

A longevidade da opressão das mulheres não é trivial nem historicamente transitória, para se manter de forma tão efetiva, ela percorre a corrente mental e afetiva. Pensar que isso não deveria ser assim não implica que já não seja mais assim.



Isso significa dizer que as relações de gênero, neste caso das mulheres, continuam patriarcais mesmo com tantas mudanças sociais. Embora haja grandes mudanças ao longo dos anos, a supremacia fálica cujo representante psíquico maior é a figura masculina, ainda luta para permanecer em seu lugar destinado por ele, principalmente o familiar, onde se encontra relações pautadas, neste caso que abordamos, na violência doméstica contra a mulher.

Mas Simone de Beauvoir (1967) já nos atentava a construção do segundo sexo dizendo que existe “o sexo protagonista heteronormativo e dominante, e existe o segundo, mas esse segundo se constrói não como antagonista do primeiro”. Partindo do ponto de que a mulher não almeja ser superior ao homem na sociedade porque ainda encontramos tanta violência doméstica no atual sistema social do Brasil? Por que um movimento que iniciou há dois séculos ainda não teve seu objetivo alcançado?

Além do patriarcado oprimir as mulheres, eles também as subdividem para que as próprias utilizem seus ideais umas contra as outras. Seria muito arriscado, para esse sistema, que todas elas tivessem consciência de suas satisfações e desejos. Sendo assim, o patriarcado privilegia a reprodução no modo psíquico que reafirma o “eu” para solucionar problemas sociais utilizando a lógica “fálica”, ou seja, o patriarcado.

A manipulação aparece como uma necessidade imperiosa das elites dominadoras, com o fim de, através dela, conseguir um tipo inautêntico de organização, com que evite o seu contrário, que é a verdadeira organização das massas populares emersas e emergindo. (FREIRE, 1987, p.145)

No contexto social em que vivemos, onde há reconhecimento de pertencimento dado aos homens e negado às mulheres, é impossível que uma mulher seja “fálica” para ser incluída socialmente. Ela assim o faz por não vislumbrar outras lógicas que dão contorno ao “fálico”. Isso significa dizer que ela pode reproduzir comportamentos de cunho “fálico”, já que foram criadas sob uma estrutura patriarcal em sua instituição familiar. A mulher que reproduz a lógica fálica apenas propaga um discurso que acaba por oprimir a si própria.

A professora do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e especialista em estudos feministas, do pensamento de Foucault e de gênero, Priscila Vieira (2020) diz:

O machismo é uma ideologia de dominação que pressupõe uma superioridade masculina. Eles têm o poder, são vistos como centro da sociedade, a medida de tudo. A mulher não tem esse poder, muito menos de oprimir o homem. Portanto quando faz algo visto como machista ela está reproduzindo o machismo, mas não o criou de fato. Ela foi construída assim<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/20/existe-mulher-machista-especialistas-explicam-uso-do-termo.htm> Acessado em 25 de Julho de 2022.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

É no nosso inconsciente que esses comportamentos se reproduzem e se enraízam. A personalidade adulta é moldada pelas experiências infantis, ou seja, o controle de seus atos não passa de uma ilusão. Mulheres foram criadas para disputar com outras mulheres, seja pela atenção dos homens, seja pela busca do estereótipo de beleza tão almejado também pelos homens. Então, a lógica fálica seduz e atrai para a subserviência subordinando as representações psíquicas da mulher.

O culto à beleza e à juventude da mulher é estimulado pelo patriarcado atuando como forma de controle social para evitar que sejam cumpridos os ideais feministas de emancipação intelectual, sexual e econômico, conquistados a partir dos anos 1970. (WOLF, 1992, p.34)

Nos primórdios da psicanálise, Freud observou que todas as emoções e sentimentos que os pacientes levavam para a sua clínica, não eram experiências do momento atual e sim do passado. Aprendemos na infância através das instituições que tendem a se tornar padrões de relacionamento durante toda a vida do sujeito, a esse contexto ele denominou “processo de transferência”.

A transferência é um fenômeno universal totalmente ligado ao conceito de autoridade e dependência, o que nos faz entender a reprodução do comportamento patriarcal no sujeito. A transferência, nesse sentido, é usada pelo ser dominador como uma forma de controle. No seio familiar, o líder utiliza a transferência para manipular e dominar esse espaço. Qualquer subversão a esse ordenamento patriarcal produz as mais torpes violências, já que outras lógicas não são permitidas. Segundo Simone de Beauvoir (1967) “o opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos”.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do sistema patriarcado sociopolítico permanecer operando em nossa sociedade, ainda é pouco perceptível o debate no aspecto psíquico sobre a violência doméstica cometida no cotidiano. Assim, a estrutura patriarcal ainda insiste em reproduzir uma lógica fálica que afeta homens e mulheres, sendo as mulheres a mais prejudicada destas relações patriarcais.

Em consonância com os objetivos deste texto, a psicanálise foi convocada para ocupar o lugar de análise dos dados e realizar apontamentos na dimensão psíquica dessas relações de gênero. Entende-se que a lógica fálica, ou seja, a afirmação do ser vai além da figura dos gêneros para compreender a violência dos dados apresentados. É necessário trazer a questão pela via da linguagem para assim tratá-la de forma consciente. Ao passo que identificamos o problema começamos a debater, a se conscientizar e, por conseguinte abnegar esse sistema.

Não saber identificar o patriarcado e as diferentes formas em que se manifesta no psíquico acarreta sua reafirmação, já que a cultura é produtor e ao mesmo tempo produto de processos mentais. O sistema patriarcal deve ser tratado como uma estrutura psíquica social a nível do inconsciente cujos processos atuam nos diferentes sujeitos na lógica fálica que não leva em conta maneiras não-fálicas de conduta social. Quando não se sabe o que te oprime se reproduz o comportamento do opressor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo, Vol.2: A Experiência Vivida, Difusão Europeia do Livro, 1967;
- BERRO, Eloisa Castro, GONÇALVES, Aparecida, NICODEMOS, Manuela. Mulheres em situação de violência: números, avanços e desafios. Disponível em:
- COSSI, Rafael Kalaf. Lacan e o feminismo francês: a história de uma (não) relação. Psicologia USP [online]. v. 31. 2020.
- FERRAZ, Flavio Carvalho. "O primado masculino em xeque". In ALONSO, S. L.; BREYTON, D. M. e Albuquerque, H.M.F.M. (Orgs.). Interloquções sobre o feminino na clínica, na teoria, na cultura. São Paulo: Escuta/Instituto Sedes Sapientiae, 2008. pp. 67-68.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: 21a ed. Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra, 1987.
- GERALDO, Nathália. Existe mulher machista? Especialistas em gênero afirmam que não. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/20/existe-mulher-machista-especialistas-explicam-uso-do-termo.htm>> Acessado em 25 de Julho de 2022.
- GRANT, Walkiria Helena. A maternidade, o trabalho e a mulher. LEPSI IP/FE-USP, 2001. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC00000000320010003000008&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC00000000320010003000008&lng=en&nrm=abn)>. Acessado em 25 de Julho de 2022.
- LACAN, J. (1958). A significação do falo. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LERNER, Gerda. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.
- MITCHELL, Juliet. Psicanálise e feminismo. (Trad. Ricardo Britto Rocha) Belo Horizonte: Interlivros, 1979.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

- PROBST, Elisiana Renata. Evolução da Mulher no mercado de trabalho. 2007 Dissertações (Pós-graduação em Gestão Estratégica de Recursos humanos) – Instituto Catarinense de Pós Graduação, Santa Catarina, 2007. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>> Acesso em: 25 de Julho de 2022.
- ROUDINESCO, E. História da psicanálise na França. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. 1994
- SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani. Gênero e Patriarcado: violência contra mulheres. In: VENTURI, G., RECAMÁN, M., OLIVEIRA, S. de. A Mulher Brasileira nos Espaços Público e Privado. 1ª edição. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 42-57.
- SILVA, Benedicto (org). Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1987.
- WOOLF, N. O Mito da Beleza. Como as Imagens de Beleza são usadas contra as Mulheres. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1992.